

# de SOL a SOL

Elenco de COLABORADORES: Abel Salazar, Adolfo Casais Monteiro, Alberto Serpa, Alexandre Jorge Gonçalves, Alves Costa, António Sergio, Artur Augusto, Artur Justino, Cardoso Júnior, Carlos de Sousa Estrada, Castelo Branco Chaves, Cruz Malpique, Eduardo Braga, Eduardo Scarlatti, Eurico Tomaz de Lima, Ferreira de Castro, Frederico Alves, Jaime Brasil, Jaime Cirne, João Alberto, João de Barros, José Régio, Luís de Sanjusto, Lygia, Mando Martins, Manuel Inácio Faria, Maria Aurea, Maria Emília, Mário Dionísio, Marques Matias, Miguel Torga, Nuno Simões, Sant'Ana Dionísio, Sérgio Augusto Vieira, Vasco da Gama Fernandes, Vinha dos Santos, etc. etc.

## Felizes os rebeldes...

Mestre Aquilino, o prosador maravilhoso, foi desde o seu primeiro livro, *Jardim das Tormentas*, um «menino bonito para a crítica, mimosinho até de adjectivos.» Foi. O pior é que essa mesma crítica, tão benigna por uma banda, parecia apostada, ao rotulá-lo de escritor regionalista, a fazer-lhe perder as estribeiras por outra. E a tal ponto chegara a monomania dos críticos que Aquilino, numa amargura bem visível, confessa a Brito Camacho, na dedicatória de *Andam faunos pelos bosques*: «Vou descer à urbs, depondo a pena que a crítica suficiente classificou de regionalista. Em verdade, se regionalista é ter descrito outra coisa que não Lisboa, não reclamo melhor diploma. Porém, se ser regionalista é dar o meio e a compararia na sua modalidade léxica, descer o escritor, despersonalizando-se, à reprodução e não interpretação, só me convém o título para duas ou três centenas de páginas de meia dúzia de livros que escrevi.

«A quem chamar este livro regionalista direi, pois, que me não molesta, mas que tenho por viciado o prisma mediante o qual divisa o fenómeno literário».

Agora, Aquilino, concedeu uma entrevista a Paulo Braga, a qual veio publicada no *Primeiro de Janeiro*.

Estava o autor da *Maria Benigna* na «Bertrand», talvez a pensar no seu *S. Banaboião, anacoreta e mártir*, quando o jornalista o foi puxar a terreiro. Como não, os críticos vieram à balla—pois que passado à história das coisas não comprovadas o epíteto de escritor regionalista, a mesma crítica se esfalfa em determinar se a obra de Mestre Aquilino é a de um novelista puro ou a de um romancista completo. E então, êle, risonhamente irónico, diz: «Eu gostaria de fazer um romance segundo a formula que lhes está no gosto. Mas onde está ella?» Todavia, afirma logo, sério: «Arremego de cânones. O primeiro pecado em arte é a servidão.» E depois: «Não entram no reino de Minerva nem escravos, nem plagiários, nem macaqueadores. Felizes os rebeldes, porque êles verão a glória».

Elas afirmações que definem um artista. Que aqueles que começam, ou têm coragem para recommençar, as tenham sempre presentes. E, com glória ou sem ella, sejâmos honrados no que produzimos.

## Afonso Costa

Nas notícias que unânimemente a Imprensa dedicou à morte deste antigo político, notável professor universitário e advogado, destacam-se as palavras Homem e Alguem, como expressivas de que mesmo para adversários e contendores, mesmo para os que poderiam encontrar-lhe defeitos e erros innumeráveis, é uma força actuan-te da história portuguesa: a que vai enterrar-se, um caso de energia, de tenacidade e de talento, raro no nosso meio. Amigos seus não lhe prestaram muitas vezes justiça; adversários renderam-lha, em certos aspectos, como no caso conhecido do *superavit*. Um homem que despertou paixões, amizades veementes, ódios, intrigas, ataques violentos, que se rodeou da auréola de paladino, umas vezes, e outras, da fama de primeiro inimigo é, de facto Alguem sobre cuja personalidade a história haverá de pronunciar-se, mais objectiva e serenamente do que não poderá fazê-lo a actualidade. Em todos os campos contou adversários; mesmo entre os homens da sua politica. Caso é para lembrar o adágio: não se atiram pedras a árvores sem fruto. E' uma figura que entra na história. A' sua obra, à sua moral, ao seu prestigio ella se referirá, liberta de paixões que lhe adulterem o carácter e a integridade da sua figura.

## Tradição e evolução

A coroação recente do rei de Inglaterra prestar-se-ia a longos e variados comentários. O povo inglês, que vê na sua corôa o traço de união entre o país e a vastidão dos domínios, rodeia o seu trono—que para êle representa instituição preciosa da organização democrática—duma auréola de sagrado e a tradição pomposa empresta-lhe cunhos de fausto inegalável. Um cerimonial rígido e pleno de fases imponentes, retóricas mas cheias é certo, de grandeza real, significa o que representa a tradição para esse povo pragmático até à ingenuidade... Seria caso para perguntar como é possível a um povo evolucionar, dentro dos quadros estreitos das ideias e tradições dos tempos mortos.

**SOL**  
nascente

Quinzenário cultural  
de literatura e crítica

a 1 e 15 de cada mês

Pôrto, 15 de Maio de 1937—Ano primeiro—Número oito

ASSINATURAS  
(PAGAMENTO ADIANTADO)  
Série de 5 números, 5 ESCUDOS



VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA